

que lhe entregou o sapato dourado. Ela se sentou em um tamborete, tirou do pé o tamanco e calçou o sapatinho dourado, com a maior facilidade. E, quando se levantou, e o príncipe encarou-a, reconheceu a linda moça que dançara com ele e exclamou:

— Esta é a noiva verdadeira!

A madrasta e suas filhas empalideceram de espanto e de ódio. O príncipe pôs a órfã em seu cavalo e partiu, levando-a.

Quando passaram em frente da aveleira, os dois pombos cantaram:

Não há mais sangue dentro do sapato,

Repara bem, repara bem.

Um pé pequeno! Agora é um fato.

É esta a noiva que te convém.

E, depois, desceram voando e pousaram no ombro de Cinderela, um à direita e o outro à esquerda, e ali ficaram.

Quando foi celebrado o casamento da jovem com o príncipe, as duas malvadas irmãs compareceram, dispostas a adularem Cinderela, a fim de gozarem de sua amizade e tirarem vantagem disso. Quando o casal de noivos entrou na igreja, a irmã mais velha se colocou à sua direita e a mais moça à sua esquerda, e os pombos arrancaram um olho de cada uma delas. Quando os noivos voltaram do altar, a irmã mais velha ficou à esquerda e a mais moça à direita, e os pombos arrancaram outro olho de cada uma. E, assim, as duas irmãs foram castigadas por sua perversidade, ficando cegas o resto da vida.

3.

O IRMÃO E A IRMÃ

O irmãozinho segurou a irmã pela mão e disse:

— Desde que nossa mãe morreu, nunca mais fomos felizes. Nossa madrasta nos espanca todos os dias e, quando chegamos perto dela, nos expulsa a pontapés. A nossa comida é casca de pão que sobra e é jogada fora. O cachorro come melhor do que nós, pois frequentemente lhe dão um pedaço de carne. O melhor é sairmos desta casa, irmos para bem longe.

E as duas crianças caminharam durante todo o dia, atravessando prados, campos e lugares pedregosos. E quando começou a chover, a irmãzinha disse:

— Meu Deus! O céu e os nossos corações estão chorando juntos.

Ao anoitecer, os dois chegaram a uma grande floresta e estavam tão cansados, tristes e famintos, que deitaram no oco de uma árvore e adormeceram.

No dia seguinte, quando acordaram, o Sol já estava alto no céu e esquentando o oco da árvore.

— Estou com muita sede, minha irmã — disse o menino, então. — Se eu soubesse onde há um córrego por aqui, iria lá beber água. Acho que estou ouvindo o barulho de água correndo.

Levantou-se, então, segurou a irmãzinha pela mão e os dois saíram à procura do regato. A perversa madrasta era, porém, uma feiticeira. Vira quando as duas crianças fugiram de casa e saíra atrás delas, sem ser vista, como é fácil para as feiticeiras, e encantara todos os regatos da floresta.

E, quando os dois encontraram um córrego de águas cristalinas correndo sobre um leito de pedras, e o menino se preparou para matar a sede, sua irmã ouviu uma voz que dizia:

— Quem beber minha água vai virar um tigre! Quem beber minha água vai virar um tigre!

E ela gritou, aflita:

— Por favor, meu irmão, não bebas desta água, senão virarás uma fera e me matarás!

O irmão não bebeu, embora estivesse morto de sede, e disse:

— Vou esperar até a fonte mais próxima.

Quando chegaram ao riacho seguinte, a menina ouviu uma voz que dizia:

— Quem beber minha água vai virar um lobo! Quem beber minha água vai virar um lobo!

— Por favor, meu irmão, não bebas desta água, senão virarás um lobo e me devorarás! — implorou a menina.

O irmão não bebeu, e disse:

— Vou esperar até a próxima fonte, mas, então tenho de beber de qualquer maneira, pois não estou aguentando mais de tanta sede.

E, quando chegaram ao terceiro riacho, a menina ouviu uma voz dizendo:

— Quem beber minha água vai virar um corço! Quem beber minha água vai virar um corço!

E a menina implorou:

— Por favor, meu irmão, não bebas desta água, senão virarás um corço e fugirás para longe de mim!

O irmão, porém, já se ajoelhou junto do córrego tratando de matar a sede devoradora. E, logo que a água tocou os seus lábios, ele se transformou em um corço. A menina chorou muito, lamentando a sorte do desventurado irmão, e o pobre corço chorou também.

— Não chores, pobrezinho — disse a menina. — Jamais hei de te abandonar.

Tirou, então, sua liga dourada e colocou-a em torno do pescoço do corço, depois colheu alguns juncos e com eles teceu uma corda bem macia, que amarrou no pescoço do animalzinho. E levando-o consigo, a menina partiu, penetrando cada vez mais no seio da floresta.

E, depois de terem percorrido uma longa distância, os dois irmãos chegaram a uma casinha; a menina verificou que ela estava vazia e pensou: “Podemos ficar morando aqui.”

Colheu, então, folhas e musgo e preparou uma cama para o corço; e todas as manhãs ela colhia frutas e raízes para ela própria e um capim bem macio para o corço, que comia nas suas mãos e brincava em torno dela. À

noite, quando se sentia cansada e depois de rezar as suas preces, a menina deitava, apoiando a cabeça nas costas do corço; era um travesseiro bem macio. Em suma: a sua vida poderia ser plenamente satisfatória se o irmão não tivesse perdido a sua forma humana.

Durante algum tempo, os dois viveram sozinhos naquele ermo. Um dia, porém, o Rei do país resolveu fazer uma grande caçada na floresta. O som das trompas, os latidos dos cães e os alegres gritos dos caçadores encheram, então, o bosque, excitando muito o corço.

— Deixa-me ver a caçada — disse ele à irmã. — Não posso resistir por mais tempo.

E tanto implorou, que ela afinal acabou concordando, mas recomendou:

— Volta quando anoitecer. Tenho de fechar a porta, porque tenho medo dos caçadores. Deves, portanto, bater na porta e dizer: “Deixa-me entrar, irmãzinha” para que eu fique sabendo que és tu. Do contrário, não abrirei a porta.

O corço saiu então, muito satisfeito de se ver ao ar livre, entre as árvores da floresta. O Rei e os caçadores o viram e o perseguiram, mas não conseguiram apanhá-lo: ele desapareceu no meio do mato. E, quando anoiteceu, voltou à cabana, bateu na porta, anunciando:

— Deixa-me entrar, irmãzinha.

A porta se abriu e ele entrou, e passou a noite na cama macia, acolhedora.



No dia seguinte, ao ouvir o soar das trompas, os latidos dos cães e os gritos dos caçadores, o corço não teve, de novo, mais sossego e disse:

— Deixa-me sair, minha irmã.

A irmã abriu a porta, recomendando:

— Volta logo que anoitecer e dize a senha.

Quando o Rei e os caçadores tornaram a ver o corço com o colar dourado o perseguiram, mas não conseguiram alcançá-lo. A perseguição durou todo o dia, e ao anoitecer, os caçadores o cercaram e um deles o feriu em um dos pés, mas levemente, fazendo-o coxear e andar devagar. Um dos caçadores correu atrás dele até a cabana e o ouviu dizer:

— Deixa-me entrar, irmãzinha.

E viu a porta sendo aberta, e fechada logo que o corço entrou na casa. O caçador foi contar ao Rei o que tinha visto e ouvido.

— Amanhã vamos caçá-lo de novo — disse o Rei.

A irmã, porém, ficou apavorada quando viu o corço ferido. Lavou o ferimento, fez uma aplicação de ervas curativas e disse ao animalzinho:

— Agora, vai deitar, para ficares bom de todo.

Na verdade, o ferimento fora tão superficial que, no dia seguinte, o corço não sentia dor ou incômodo algum. E, mais uma vez, quando ouviu os ruídos da caçada, disse:

— Tenho de ir. Não posso resistir a isso. Eles não conseguirão apanhar-me.

A irmã chorou, dizendo:

— Desta vez vão matar-te, e eu ficarei sozinha na floresta, abandonada por todo o mundo. Não te deixarei sair!

— Então, vais me fazer morrer de pesar — disse o corço. — Quando ouço o som das trompas, sinto um desejo irresistível de sair pulando e correndo.

A irmã não pôde negar por mais tempo. Abriu a porta, sentindo um aperto no coração, e o corço, alegre, saltitante, saiu de novo correndo pela floresta.

Quando o viu, o Rei disse aos seus caçadores:

— Caçai-o durante todo o dia, até o anoitecer, mas tende cuidado para não feri-lo.

Logo que o sol se pôs, o Rei disse ao caçador que seguira o corço até a casa:

— Agora, mostra-me a cabana no bosque.

E, quando lá chegou, o Rei bateu na porta e gritou:

— Querida irmã, deixa-me entrar.

A porta se abriu e apareceu a moça mais linda do que qualquer mulher que ele já vira. A jovem se assustou, quando viu que não se tratava do corço, e sim de um homem que trazia uma coroa de ouro na cabeça. O Rei, porém, a encarou com uma expressão de bondade no rosto, estendeu-lhe a mão e disse-lhe:

— Queres ir para o palácio comigo e te tornarei a minha esposa muito querida?

— Quero, sim — respondeu a jovem, prontamente. — Mas o corço tem de ir comigo. Não poderei abandoná-lo.

— Ele ficará contigo enquanto viveres e nada lhe faltará — prometeu o Rei.

Justamente neste momento, o corço apareceu correndo, e a jovem o amarrou com a corda que havia tecido e puxando-o, deixou a cabana em companhia do Rei.

O Rei acomodou a moça em seu cavalo e levou-a para o palácio, onde o casamento se realizou com grande pompa. A jovem se tornou Rainha, e o casal viveu muito feliz; o corço era muito bem tratado e corria à vontade pelo magnífico parque do palácio.

A perversa madrasta, enquanto isso, estava convencida de que os seus enteados já haviam morrido, a jovem devorada pelas feras da floresta e o irmão abatido por algum caçador. Quando ficou sabendo que os dois estavam vivos e felizes, a sua malvadez e o seu ódio não lhe permitiram ter mais descanso. E só pensava em voltar a persegui-los. A sua própria filha, que era feia como a noite e que só tinha um olho, a censurava constantemente:

— Rainha aquela idiota! Era só o que faltava! Eu é que deveria ter tido esta sorte.

— Tem calma — aconselhava a velha bruxa. — Quando chegar a ocasião, eu estarei alerta.

E, tempos depois, a Rainha deu à luz um lindo menino, e aconteceu que, na ocasião, o Rei se achava ausente, participando de uma caçada. Então a velha bruxa assumiu o aspecto de uma criada de quarto, entrou nos aposentos da Rainha e disse-lhe:

— Vinde, o banho está pronto. Será muito agradável e vos fortalecerá. Apressai-vos antes que ele esfrie.



A filha da bruxa acompanhara a mãe ao palácio, e as duas levaram a Rainha, fraca como estava, para o banheiro, puseram-na no banho, fecharam a porta e se afastaram de lá. O calor era tão forte, que a jovem Rainha ficou sufocada.

A velha levou então a filha para os aposentos da Rainha, pôs-lhe na cabeça um gorro noturno e fê-la deitar-se no leito real. Deu-lhe a aparência da Rainha, mas apenas não conseguiu esconder a falta de um olho. A fim de que o Rei não notasse isso, fez com que a filha se deitasse de lado, escondendo o defeito.

À noite, quando o Rei voltou para casa e soube que nascera seu filho, ficou satisfeitíssimo e correu a ver como sua querida esposa estava passando. A velha bruxa, porém, interveio sem demora:

— Majestade, a cortina tem de ficar fechada, pois a Rainha ainda não pode ver a luz e precisa descansar.

O Rei se retirou, sem saber que era uma falsa rainha que se encontrava no leito. À meia-noite, porém, quando todos dormiam, a ama que se encontrava sentada no berçário, junto do berço do recém-nascido, e era a única pessoa acordada, viu a porta abrir-se e a Rainha entrar, tirar a criancinha do berço, embalá-la e beijá-la. Depois sacudiu o travesseiro, acomodou de novo o menino no berço e cobriu-o. E não se esqueceu do corço: foi até o canto onde ele se achava e acariciou-o. No dia seguinte, a ama perguntou aos guardas se não tinham visto alguém entrar no palácio durante a noite, e eles responderam que não.

A Rainha apareceu durante muitas noites, sempre sem dizer uma palavra: a ama sempre a via, mas não se atrevia a falar com pessoa alguma sobre o caso.

Depois de algum tempo, a Rainha passou a falar de madrugada, dizendo:

Como vais, filhinho amado?

Irmãozinho como vais?

Mais duas vezes voltado

Terei, depois nunca mais.

A ama nada disse, mas, quando a Rainha partiu, procurou o Rei e contou-lhe tudo que acontecera.

— O que quer dizer isso, meu Deus? — exclamou o Rei. — Amanhã, irei vigiar o menino.

Assim fez. E, à meia-noite, a Rainha apareceu e disse:

*Como vais, filhinho amado?
Irmãozinho como vais?
Mais uma só vez voltado
Terei, depois nunca mais.*

O Rei não se atreveu a lhe dirigir a palavra antes que ela desaparecesse, mas na noite seguinte ele velou de novo. E ela disse, então:

*Como vais, filhinho amado?
Irmãozinho como vais?
Mais esta só vez voltado
Terei, depois nunca mais.*

Então o Rei não pôde se conter por mais tempo. Correu atrás da aparição e disse-lhe:

— Só podes ser a minha querida mulher!

— Sim, sou sua querida mulher.

E, no mesmo momento, ela se tornou viva de novo e, pela graça de Deus, corada, bem disposta, cheia de saúde.

E contou ao Rei o que a perversa bruxa e sua filha lhe haviam feito. O Rei ordenou que as duas fossem julgadas e ambas foram condenadas. A filha foi levada para a floresta, onde as feras a despedaçaram. A velha foi queimada viva. Logo que ela desapareceu na fogueira, o corço retomou a forma humana, e ele e a irmã viveram felizes por muitos e muitos anos.

4.

O Bando de Maltrapilhos

Certo dia, o galo disse à galinha:

— Estamos no tempo em que as nozes amadurecem. Assim, vamos logo subir no morro e comê-las bastante, antes que o esquilo dê cabo delas.

— Isso mesmo — concordou a galinha. — Vem, vamos aproveitar.

E os dois se dirigiram ao morro e, como era um dia ensolarado, ali ficaram até a noite. E, não sei se foi porque eles comeram muito e ficaram gordos

